

**O TEXTO VIRTUAL:  
NOVAS PERSPECTIVAS DE LEITURA**

*Jackeline Pinheiro da Fonseca Ribeiro* (UEMS)  
[jackelinefonseca@gmail.com](mailto:jackelinefonseca@gmail.com)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros* (UEMS)  
[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

*Tatiana da Silva Magalhães Marangoni* (UEMS)

**RESUMO**

A leitura, em sua vasta gama de possibilidades, com a chegada dos textos virtuais, ganhou nova roupagem e novos leitores. Diante desse quadro, algumas questões surgem sobre: quem é esse leitor, como se dá sua formação e como a escola trata o texto digital. Cabe então repensar as práticas de leitura, não mais restritas ao universo impresso, mas a um mundo dominado pelas NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação). O presente artigo busca promover a reflexão sobre as questões levantadas e trazer à discussão o papel do texto digital na sala de aula em contraponto com o texto impresso.

**Palavras-chave:** Leitura. Texto impresso. Texto digital.

**1. Introdução**

Quando falamos em texto e sua forma de representação, logo surge à mente uma folha de papel, com letras que formam um aglomerado de palavras e trazem informações. O texto, dito verbal, continua sendo o signo linguístico o qual o indivíduo tem por modelo de leitura e produção. Sua função social continua ativa, a de passar informações e/ou mesmo servir a um momento ocioso, tais práticas ainda fazem parte do viver social do homem e de sua leitura. Porém, ler já não é mais uma prática restrita ao papel, apesar de ainda ser uma forma de representação em muitos *e-books*.

Não há como negar que o universo digital adentrou as mentes e o dia a dia, não seria diferente com a produção textual, que deixou de ser mera forma em papel para tomar os mais diferentes formatos. Assim, os textos foram tomados por elementos de linguagem não verbal ou mista,

ou seja, os chamados textos multimodais, que já fazem parte do nosso cotidiano e estão cada vez mais adentrando o universo escolar e corporativo.

Pensando em novas perspectivas de apresentação do texto, abre-se a discussão para novos leitores também. Se o modo de exibir o texto mudou, cabe também reconsiderar que os leitores e, mais propriamente, a maneira de ler mudem.

Algumas questões surgem, sobre como se dá a formação desse novo leitor que convive em um ambiente virtual e como a escola trata o texto digital para tal formação.

Assim, cabe então repensar as práticas de leitura, não mais restritas ao universo impresso, mas a um mundo facilitado e sobrecarregado das mais diversas informações, podemos pensar então no hipertexto e nos textos multimodais.

## **2. O hipertexto e o texto multimodal: nova roupagem**

O hipertexto pode ser entendido segundo Antônio Carlos Xavier (2005, p. 171), "Por hipertexto entendo ser uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície outras formas de textualidade".

Assim, podemos dizer que o hipertexto é uma mescla de gêneros textuais e sua apresentação pode ser particular e ilimitada a cada leitor, uma vez que uma das marcantes características do hipertexto é a possibilidade de um texto levar o leitor a outro e outro texto.

Tal dinâmica é conseguida, no meio virtual, por meio do *hyperlink*, que se mostra uma ferramenta rápida e eficaz para sanar dúvidas do leitor ou levá-lo a obter mais conhecimento sobre um dado assunto. No entanto, a noção de hipertexto remonta ao tempo em que as enciclopédias e dicionários eram os recursos mais utilizados pelos leitores para passar pelas mesmas situações. Segundo Valéria Ribeiro de Castro Zacharias (2016, p. 22):

[...] a leitura hipertextual não está atrelada ao digital. Coscarelli (2003), Ribeiro (2005) e Koch (2002) defendem a ideia de que a hipertextualidade está tanto nos ambientes impressos quanto nos digitais. Defendem ainda que todo texto e toda leitura são hipertextuais. Recursos como notas de rodapé, índices, paratextos, imagens, citações, referências bibliográficas são exemplos de como a hipertextualidade se apresenta nos materiais impressos.

Assim, a prática do hipertexto já faz parte dos hábitos de leitura dos indivíduos, mas, com o advento da internet, foi expandida e o hipertexto tornou-se “hiper” em seu sentido mais amplo. Pois, se antes, no impresso, as possibilidades de pesquisa e ampliação de conhecimento existiam, elas eram limitadas a um contingente pequeno de livros que poderiam ser consultados e que estavam disponíveis ao leitor. Restrito ainda em sua forma de acesso, uma enciclopédia ou um acervo de uma biblioteca.

Os textos multimodais, assim como o hipertexto, não são novidade, em sua definição mais simples podem ser entendidos como aqueles textos nos quais se misturam elementos de imagem e de texto verbal, pensando na era digital, pode ser, ainda, aquele texto que contém som, vídeo e o que mais for possível para o universo digital.

No caso do texto multimodal impresso, podemos ver que o leitor necessita desenvolver habilidades de leitura que envolvam, além da compreensão escrita, a compreensão de imagens. No digital, novas e outras competências leitoras precisam ser desenvolvidas.

Pensando no ensino de leitura de um gênero multimodal [...], remetemo-nos a Dionísio (2005, p. 160), quando afirma que, na “sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal deve ser incorporada à prática de letramento da imagem, do signo visual”. A autora ressalta que a multimodalidade é um traço constitutivo tanto do discurso oral como do escrito e que a escrita tem apresentado “cada vez mais arranjos não-padrões” em função do desenvolvimento tecnológico, o que requer dos leitores modificações em seus modos habituais de ler. (BARROS, 2009, P.164)

Pensar em um mundo digital, que cada dia se torna mais acessível por meio de computadores, *tablets* e *smartphones*, traz tanto benefícios de ampliação do conhecimento quanto malefícios de ordem de veracidade das informações e processamento dessas. Com chegada das NTIC (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação), surgiram também novas formas de leitura e um público leitor diferenciado, que necessita de habilidades reconstruídas que não o façam perder o foco do seu objetivo de ler, bem como um filtro de informações a serem digeridas e processadas.

Para se compreender quais são essas novas habilidades, é necessário primeiro ampliar nosso conceito sobre leitura e sobre leitura digital.

### **3. O que podemos entender por leitura digital?**

Não há um único conceito do que seja leitura, pois a este conceito

devemos ter atrelada a ideia dos objetivos da leitura. Para cada objetivo de leitura há um tipo de leitor de acordo com Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2007, p. 19), "São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com maior ou com menor interação, enfim".

Ainda há de se pensar que, para cada leitor, uma perspectiva singular sobre o texto, pois, cada um dará um sentido que tenha a ver com suas experiências de mundo e fará inferências que serão únicas no seu contexto de leitura.

Nesse sentido, podemos compreender a leitura como,

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH & ELIAS, 2007, p. 11)

Podemos pensar então em quais sejam os objetivos de leitura de um leitor de um texto digital, seja o hipertexto ou um texto multimodal.

O texto digital está rodeado de informações que podem, muitas vezes, desvirtuar os objetivos a que indivíduo se propôs quando começou a realizar a leitura, os textos multimodais, por exemplo, implicam um leitor que domine várias habilidades de leitura, pois lida com imagens estáticas e em movimento ao mesmo tempo, que decodifica e compreende o texto verbal.

Em Carla Viana Coscarelli (2016), vemos que,

[...] podemos mencionar a conclusão a que chegaram Coiro & Dobler (2007), de que a leitura na internet é mais complexa porque envolve lidar com diferentes tipos de conhecimentos prévios: conhecimentos sobre a estrutura informacional dos sites e dos mecanismos de busca na *web* (p. 229)

Podemos evidenciar ainda que o texto digital também possui uma característica singular, pois, dada a velocidade e a diversidade das informações, torna-se um grande desafio prender o leitor a um único texto em uma infinidade de possibilidades a que está exposto na internet. Com a rapidez desse ambiente, é possível verificar que os textos se tornam mais curtos e mais imagéticos, o que implica ao leitor compreender a informação que está implícita. De acordo com Francis Arthuso Paiva (2016, p. 58), em um estudo sobre a leitura de infográficos, “[...] inferir informações, seja no modo verbal ou imagético – podem demandar mais esforço

de execução da parte do leitor e de ensino do professor”.

Com os novos textos, a *web* fez imergirem também novos leitores, cabe agora compreender quem são esses sujeitos.

#### **4. Quem são os novos leitores?**

Diante de um quadro de múltiplas linguagens em que surgem novas possibilidades de comunicação, faz-se necessária uma ampla discussão sobre o assunto. Com o surgimento do ciberespaço, aparecem também novas modalidades de leitura e, conseqüentemente, novos leitores que interagem com as informações propagadas nas mídias digitais.

Segundo Lucia Santaella (2004):

Toda nova linguagem traz consigo novos modos de pensar, agir, sentir. Brotando da convergência fenomenológica de todas as linguagens, a hipermídia significa uma síntese inaudita das matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal com todos os seus desdobramentos e misturas possíveis. Nela estão germinando formas de pensamento heterogênea, mas, ao mesmo tempo, semioticamente convergentes e não-lineares, cujas implicações mentais e existenciais, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, estando apenas começando a apalpar. (p. 392)

O hipertexto, por meio da navegação de *links*, traz uma gama de possibilidades. Ele é uma das várias modalidades de leitura que surgem nesse novo contexto. A leitura é dinâmica, forte, não-linear e, de certa forma, filtra muitas informações. O texto interativo pode mudar num instante e, assim como os modos de ler, passam por inovação, surgindo, assim, novos leitores.

Ainda, segundo Lucia Santaella (2004), existem variados tipos de leitores. O primeiro é o leitor da era pré-industrial, que lê de forma contemplativa e meditativa, aprecia a leitura do livro impresso e da imagem fixa. O segundo perfil de leitor – que nasceu em meio à Revolução Industrial e centros urbanos é descrito como aquele que tem contato com uma leitura de mais misturas signícas. A leitura é mais dinâmica, mais híbrida. E o ‘terceiro tipo de leitor’ nasce com o aparecimento do ciberespaço, da era virtual.

O leitor contemplativo (meditativo), o primeiro, tem uma relação mais íntima e individual com a leitura. Isso é reforçado também pelo aspecto e condições históricas em que surge este leitor. “Com a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias na Idade Média cen-

tral, a leitura se fixou definitivamente como um gesto do olho [...]”. (SANTAELLA, 2004, p. 20-23)

O leitor movente (fragmentário) surge de um cenário de constante crescimento das cidades. É um leitor de informações mais fragmentadas, movente, que amplifica a formas de ler, em uma nova perspectiva em que a imagem passa a ser cada vez mais frequente. Mesmo com o advento tecnológico, o crescimento da imprensa, das revistas e jornais e a impressionante rapidez televisiva, ainda estão presentes nesse novo leitor resquícios do perfil contemplativo, gerando uma certa instabilidade.

O terceiro tipo é o leitor imersivo, que pertence ao mundo virtual. Tem por hábito receber e ler novas informações, independente do formato ou linguagem. Sua trajetória de navegação é alienar, multilinear e é ele próprio quem a conduz. Faz parte dos maiores centros urbanos, possui uma linguagem transitória, que certamente se transformará com o decorrer do tempo.

É fato que, com o passar do tempo, surgirão novos tipos de leitores. A velocidade das transformações é surpreendente, o que não é um obstáculo para esses novos sujeitos, pois é visível que suas mentes acompanham sem nenhum problema toda essa evolução.

## **5. As novas habilidades de leitura**

O leitor que nasceu no ciberespaço desenvolveu e desenvolve, a cada dia com as novas mídias, novas habilidades de leitura. O leitor do texto digital precisa interagir com as interfaces dos diferentes textos que estão à sua volta e, portanto, desenvolver a habilidades de navegar.

Navegar em um texto digital ou impresso pode apresentar algumas similaridades, por exemplo, o leitor do texto impresso precisa aprender a ler notas de rodapé, referências e sumários que o ajudam a navegar no texto de papel. Porém, o leitor de texto digital precisa desenvolver habilidades que envolvam a questão tecnológica, segundo Ana Elisa Novais (2016, p. 82),

As atividades de leitura nos dias de hoje processam cada vez mais diferentes sistemas de signos, insumos criados pelas/com as tecnologias digitais. Os textos se multiplicam exponencialmente, tanto quanto as práticas sociais e as formas de interação.

A habilidade de navegar no meio digital inclui a questão tecnoló-

gica o que sinaliza ter alguma afinidade com o computador, *mouse*, *touchscreen* etc. De acordo com Lawless e Schrader (2008) citado por Carla Viana Coscarelli (2006, p. 289),

[...] a navegação efetiva nos ambientes virtuais requer que os usuários saibam onde estão, onde precisam ir, como chegar lá e quando eles chegaram. A navegação, desse modo, descreve não apenas as ações comportamentais dos movimentos (ex. mover de um destino a outro), mas também as habilidades cognitivas (ex. determinar e monitorar a trajetória e o percurso para atingir a meta).

Diante dessas habilidades que são tão importantes e necessárias de serem desenvolvidas, não é aceitável que elas fiquem de fora do ambiente escolar, pensar em como trazer isso aos estudantes, que são esses novos leitores em formação é bastante significativo.

## **6. Uma sequência didática sobre o hipertexto**

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2008), os pesquisadores suíços Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly têm se preocupado em fornecer elementos de interesse para o ensino da oralidade em sala de aula, e todo o esforço volta-se para a consecução desse objetivo. Conforme o autor descreve, central é a metodologia utilizada para construir o que ficou conhecido nessa escola como ensino por sequências didáticas.

Os autores definem sequência didática como um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 97). Luiz Antônio Marcuschi (2008) apresenta os procedimentos envolvidos no modelo de sequência didática: Apresentação da situação, a primeira produção, os módulos e a produção final.

Diante das informações levantadas, da definição e apresentação de seu desenvolvimento, será possível desenvolver o tema sequência didática no ensino do hipertexto e suas problemáticas.

Conforme o estudo das pesquisadoras Anna Rachel Machado e Vera Lúcia Lopes Cristóvão (2006), que se preocupavam com o ensino de gêneros, existem três níveis básicos nas transformações dos conhecimentos científicos: o primeiro, o “conhecimento científico” propriamente dito, sofre um processo de mudança para construir o “conhecimento a ser ensinado” que, posteriormente, transforma-se em “conhecimento efetivamente ensinado” e, finalmente, em “conhecimento efetivamente aprendido”.

do”.

Diante dos níveis apresentados pelas autoras supracitadas, existem obstáculos no processo de ensino do hipertexto. O primeiro problema no nível 1 é a seleção dos conteúdos que serão ensinados, pois mesclam-se conhecimentos científicos com o conhecimento das práticas sociais da linguagem. Essa junção supõe uma abordagem atrelada ao senso comum.

As pesquisadoras ainda enfatizam um segundo problema, o processo de autonomização de determinados objetos de conhecimento científico que foram separados da teoria global e da problemática científica em que surgiram e que ganharam seu sentido específico. Por causa disso, o hipertexto recebeu outras significações.

Anna Rachel Machado e Vera Lúcia Lopes Cristóvão (2006) ainda destacam um terceiro problema em relação à transposição didática, desde o seu primeiro nível, é o da compartimentação dos conteúdos selecionados: o hipertexto era visto separadamente nos seus aspectos enunciativos, estruturais, pragmáticos etc.

Frente aos problemas elencados, os pesquisadores Adriana Cintra de Carvalho Pinto e Francisco de Assis (2007) apontaram a necessidade de desenvolverem uma sequência didática, que definiram como um conjunto de procedimentos metodológicos e de atividades progressivas, planejadas, guiadas por um objetivo geral, qual seja a produção de um hipertexto.

A seguir, será apresentada a descrição dessa sequência didática que enfatizará o ensino do gênero hipertexto, realizada pelos pesquisadores Adriana Cintra de Carvalho Pinto e Francisco de Assis (2007, p. 8):

A primeira atividade desse conjunto de atividades progressivas é a identificação do que o aluno já sabe e do que precisa aprender sobre o hipertexto. São oferecidos exercícios de leitura que primam mais pela indução. Por meio deles, o aluno compara, percebe semelhanças e diferenças, generaliza, estabelece relações entre hipertextos. Essa primeira atividade termina com a produção de um hipertexto, cujo produto deve ser visto como ponto de partida para a seleção de atividades que deverão ser trabalhadas com os alunos. Depois vem a exploração dos vários elementos do gênero hipertexto (condição de produção, conteúdo temático, forma de organização, polifonia e inserção de vozes e marcas linguísticas), construídos a partir do modelo de análise de texto apresentado no item seguinte deste artigo. O último conjunto de atividades visa a finalizar o projeto com a reescrita do hipertexto. Para a construção dessa sequência didática, logo se tornou evidente a necessidade da construção prévia de um “modelo didático de gênero”, que pudesse guiar a elaboração das atividades planejadas.



Hoje, torna-se imprescindível que o leitor, seja ele contemplativo, movente ou imersivo, atualize-se diante das inúmeras transformações que envolvem a leitura. Essas mudanças não são passageiras, e sim, acumulativas, o que impulsionará o leitor a uma mudança de postura.

## 7. *Considerações finais*

Com o passar dos tempos, o modo de ler mudou assim como os leitores e as ferramentas de leitura. É importante repensar as novas práticas de leitura, bem como a formação do leitor desde o ambiente escolar.

Identificar o tipo de leitor que está envolvido no processo de leitura torna-se essencial para entender por quais processos passou sua formação leitora e em que pode ser melhorado em suas habilidades para o ambiente virtual.

Estimular a prática de leitura no meio digital por meio do ambiente escolar pode ser uma boa alternativa para a formação de novos leitores e ampliação de suas capacidades de leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PINTO, Adriana Cintra de Carvalho; ASSIS, Francisco de. Procedimentos didáticos para a apropriação do gênero hipertexto em cursos de comunicação social: uma abordagem sociodiscursiva. *Caligrama*, USP, vol. 3, n. 3, p. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/66615/69225>>.

KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, vol. 6, n. especial, set./dez, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NOVAIS, Ana Elisa. Lugar das interfaces digitais no ensino de leitura. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PAIVA, Francis Arthuso. Leitura de imagens em infográficos. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.